

**O (SER) RESIDENTE EM UMA ORGANIZAÇÃO SOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

*Eloyse Valéria Da Silva (eloyseilva@outlook.com)*

A Residência Multiprofissional em Saúde, sob a máxima do ensino em serviço, carrega consigo contradições no âmbito da formação e do trabalho. Sua proposta de formação “no” e “para” o Sistema Único de Saúde (SUS) é atravessada pelas expressões de precarização do trabalho nas instituições de saúde. Este trabalho, do tipo relato de experiência, se propõe a descortinar aspectos do processo de residência em uma Organização Social (OS), sob o olhar de uma assistente social que tem como método de análise da realidade o materialismo histórico-dialético. Foi construído a partir de mediações teórico-práticas durante a vivência no programa de residência. Cabe destacar, inicialmente, que as organizações sociais são associações privadas sem fins lucrativos que recebem recursos estatais para o desempenho de atividades de interesse público. Neste estudo, parte-se da perspectiva de que a instituição das OSs no contexto brasileiro possui estrita relação com as medidas neoliberais em curso no país, as quais com o argumento de que o “público” não funciona, retraem investimentos na esfera pública em detrimento da iniciativa privada e estabelecem as chamadas PPPs - parcerias público-privadas. Nota-se que, embora instituições como estas estejam vinculadas ao SUS, são em sua essência orientadas pela lógica da iniciativa privada, o que se torna perceptível diante da análise das formas de gestão e organização, da disposição de recursos estruturais, materiais e humanos e da condução das

ações. Sob esta ótica, o (ser) residente é entrelaçado por inúmeros desafios, entre os quais pode-se demarcar: a realização de atividades sem preceptoria direta, desde atendimentos individuais a reuniões de equipes; a cobrança por quantitativo de procedimentos/atendimentos, contraditoriamente ao processo formativo; as requisições envolvendo múltiplas atividades como as assistenciais, operacionais, de pesquisa, extensão e dentre outras, em uma lógica de proatividade e dinamismo; o acúmulo de atividades/trabalhos fora do horário da residência, repercutindo em dispêndio do tempo livre, e; a estratégia de controle por meio do ponto eletrônico. Considerando o exposto, apreende-se que o (ser) residente é ora ser visto enquanto estudante, ora enquanto trabalhador à disposição da instituição como mão-de-obra, o que repercute em um processo de residência complexo, cujas contradições necessitam de recorrentes problematizações, principalmente quando este se desenvolve em uma instituição de iniciativa privada.

Palavras-chave: residência multiprofissional; formação; trabalho; organização social.